

# ROAD TRIP/ De Lisboa a Milfontes, passando pela Sardenha

Culpa do GPS, da distração do condutor ou de as praias do Mediterrâneo serem uma tentação, **Filipe Paiva Cardoso** precisou de 22 dias num carro para ir de Lisboa a Milfontes. Numa viagem que o levou a San Sebastian, Hossegor, Córsega ou Sardenha

**M**eu planeado, meio ao calhas. Meio “Guide du routard”, meio “American Express”. Meio conta, meio Visa. Três semanas e 4400 quilómetros para ir a Salamanca, San Sebastian, Hossegor, Carcassone, Córsega, Sardenha e Tarragona, até chegar ao último destino, Milfontes. Orçamento: 3200 euros para duas pessoas, financiado pelos mercados das pessoas que trabalham no privado: subsídios de férias e parte do ordenado do mês seguinte – além do Visa para hotéis e bilhetes dos ferries.

O plano inicial era chegar à Croácia. Depois (austeridade oblige) passou para a Normandia. Não, fica para depois. Córsega e Sardenha? Talvez. Contas feitas, reduziu-se a estada na Córsega a duas noites e aumentou-se para seis na Sardenha, o que permitiu compensar os custos de passar pela Córsega. OK, *habemus* viagem.

**Semana I: Espanha, França e ferry** Delineado o roteiro, arrancámos até Salamanca. Petit Hotel. 50€. Uma noite. Não tem

parque – uma preocupação constante, já que o carro ia cheio, em versão “se ficarmos sem dinheiro ao menos temos comida no carro”. A passagem por Salamanca foi rápida, suficiente para sentir o pulso de uma cidade em que a vontade de viver de milhares de estudantes é contagiante. Para acabar o curso, dizem, é preciso encontrar um tal sapo que está escondido entre as centenas de esculturas da fachada da Universidade. Infelizmente, só vimos estudantes vestidos de sapo à procura do sapo. Tradições. Dado um passeio, recolhemos para churros, chocolate quente e tapas ao jantar. Amanhã há mais quilómetros.

A auto-estrada que atravessa o País Basco, em contraste com a maioria dos quilómetros que se comem em Espanha, é um dos vários sinais que mostram que esta região é mesmo um país aparte em Espanha. O deserto é substituído por um verde estonteante e os declives substituem a monotonia – contraste idêntico ao que se nota entre a gastronomia madrilena e a basca, por exemplo. De Bilbao pouco a dizer: ver o Guggenheim, sair depois – “Check”. Bilbao tem um problema: fica ao



lado de San Sebastian, a cidade mais bonita da Península Ibérica.

Donostia (perdão, San Sebastian) é tudo. Tem arquitectura. Tem cultura. Tem uma baía maravilhosa. Tem praias coladas à cidade. Tem campo. Tem o seu próprio rio Tamisa. Tem montanhas. Tem uma gastronomia deliciosa. É uma espécie de Angra do Heroísmo em grande – mas sem a alcatra. É aqui que vou viver a minha reforma. San Sebastian abraça o oceano com dois braços montanhosos, propiciando vistas magníficas sobre si mesma. Hotel Record. 210€ por três noites. Varanda e estacionamento. (*Subtotal: até agora, 400€ em portagens, estadas e gasolina.*)

Estando de carro e com mais duas semanas e meia pela frente, o mais difícil de fazer em Donostia é sair de lá. O primeiro dia foi de chuva, o segundo cinzento e no terceiro o sol abriu em força. No dia de chuva, roteiro gastronómico: pintxo aqui, pintxo ali; copo de tinto aqui, copo de tinto acolá. A oferta é às centenas, as mesas recheadas de pintxos são das maiores tentações que existem, o Rioja é magnífico. Os preços são bem convidativos. No segun-

do dia, o roteiro gastronómico manteve-se mas com umas pitadas de passeio: Parte Vieja, monte Urgull, Bahia de la Concha, Palácio Miramar. No terceiro, pequeno-almoço na praia e ala para França.

Hossegor é um destino de eleição dos surfistas. Por sugestão da especialista do *i* nessas lides – obrigado, Sara –, foi o ponto de paragem seguinte: Capbreton-Hossegor, ali como quem vai para Biarritz, subindo um pouco mais. Está a menos de 20€ de San Sebastian. Mesmo a perceber zero de surf, é fácil ver o porquê de ser um destino idílico para surfistas.

Com um areal magnífico, que se estende por vários quilómetros, Hossegor é cortada ao meio por um lago gigante, com pontes “à Paris”, que lhe conferem uma ambiguidade óptima: por um lado, estamos algures no interior, numa floresta atravessada por um lago natural; por outro, dez minutos “sempre em frente” e temos praias de ondas que farão babar qualquer surfista. Duas noites, 162€ no Hôtelière les Acanthes, varanda, cozinha e parque.

Mal chegámos quisemos saber da praia. Dado o óptimo conhecimento de francês,